

## O INTELLECTUAL JOSÉ CALASANS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU PIONEIRISMO NA PESQUISA NO BRASIL

*THE INTELLECTUAL JOSÉ CALASANS: CONSIDERATIONS ABOUT HIS PIONEERING IN RESEARCH IN BRAZIL*

Jairo Carvalho do Nascimento<sup>1</sup>

### Resumo

José Calasans foi o maior historiador da Guerra de Canudos e da saga de Antônio Conselheiro. Esses objetos de pesquisa o consagraram como um dos maiores pesquisadores brasileiros da segunda metade do século XX. Não obstante, desbravou outros temas para além da História, percorrendo outros campos da área de humanas, a exemplo do Folclore, Sociologia e Economia. Foi um profícuo biógrafo de figuras ilustres da história política de Sergipe e da Bahia. Este artigo tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, a sua trajetória como historiador, apontando, em pesquisas desenvolvidas no Brasil, temas e estudos nos quais ele foi pioneiro.

**Palavras-chave:** José Calasans – Historiografia – Guerra de Canudos.

### Abstract

José Calasans was the greatest historian of the Canudos War and the Antônio Conselheiro's story. Those research objects have established him as one of the greatest Brazilian researchers of the second half of the twentieth century. Nevertheless, he explored other themes beyond History, covering other fields in the humanities such as Folklore, Sociology and Economics. He was a successful biographer of well-known people in the political history of Sergipe and Bahia. This article aims to present, generally speaking, his course as a historian, pointing out themes and studies in which he was a pioneer in research developed in Brazil.

**Keywords:** José Calasans - Historiography – Canudos War.

### Introdução

“Eu acho que valeu a pena”. Com essas palavras, José Calasans encerrava a longa entrevista que concedeu a Marco Antônio Villa sobre a sua trajetória na pesquisa sobre a Guerra de Canudos. Completou dizendo que estava satisfeito por ter dedicado muito tempo de estudo na compreensão do sertão e do tema Canudos, por ter deixado um legado para os pesquisadores (VILLA, 1998, p. 134).

O legado que ele deixou é de grande valor para a pesquisa histórica. Em torno de si, com diálogos, conversas e orientações oficiais em programas de pós-graduação, ele fez o tema da Guerra de Canudos florescer no Brasil e no exterior.

**Figura 1 – Foto de José Calasans**



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 03 jun. 2001. p. 130.

José Calasans foi o maior pesquisador da história da Guerra de Canudos e da vida de Antônio Conselheiro. A sua contribuição é inegável: nenhum pesquisador dedicou tanto tempo a esses temas, e nem descobriu tanto documento quanto ele, em cinquenta anos de estudos ininterruptos.

No entanto, a longa trajetória intelectual de José Calasans não se limitou à Guerra de Canudos, embora tenha sido o tema que o consagrou. Outros assuntos e temas fizeram parte de seu repertório de interesse, particularidade que o credenciou ao longo de sua vida como um grande pesquisador reconhecido por seus pares em universidades e centros de pesquisa. E ele foi, por conta disso, um dos últimos grandes pesquisadores do Brasil, aquele indivíduo com conhecimento amplo em diversas áreas do conhecimento, cuja contribuição acadêmica para a grande área de Humanas perpassa pelos campos da História, da Economia, da Sociologia e do Folclore. E hoje, com a fragmentação cada vez maior das áreas do conhecimento e a

pressão constante dos órgãos de fomento que exige produtividade e resultados, é raro encontrar um pesquisador que tenha um conhecimento amplo da sociedade, da realidade social, que dialogue com diversos campos do saber.

Sergipano de Aracaju, onde nasceu em 14 de julho de 1915, José Calasans estudou Direito na Faculdade de Direito da Bahia, em Salvador, de 1933 a 1937. Regressou para sua cidade natal e – influenciado pela prática docente de dois ex-professores do tempo em que estudou o secundário em Aracaju, Artur Fortes e Luiz José da Costa Filho, além de suas leituras sociológicas, históricas e folclóricas, de autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, realizadas durante o curso de Direito – foi lecionar História nos principais estabelecimentos de ensino da capital sergipana. Retornou para Salvador em 1947, onde fixou residência definitiva. Em 1950, ingressou na Universidade da Bahia, hoje Universidade Federal da Bahia, por meio de concurso público, para lecionar a disciplina de História do Brasil. Lecionou também as disciplinas de História Moderna e Contemporânea, História Econômica Geral, Formação Econômica do Brasil e Problemas Brasileiros e Folclore (NASCIMENTO, 2008).

Essa sua formação acadêmica, em Direito, e a trajetória como professor universitário, lecionando diversas disciplinas, evidenciam essa amplitude de temas que pesquisou, definidas em duas grandes áreas: História e Folclore. Nesses dois campos de estudo, publicou dezenas de artigos e livros e proferiu centenas de palestras e conferências.

Neste breve artigo, apresento uma característica importante de José Calasans, a de um pesquisador inovador que, no terreno da produção do saber em que pisou, abriu caminhos, indicou pistas, apontou fontes, ou mesmo foi pioneiro nos estudos que realizou, no campo da História e Folclore. Foi um intelectual, na mais completa acepção da palavra.

A palavra “intelectual” carrega, no campo das ciências sociais, uma variedade de definições e sentidos, sendo mobilizada teoricamente por diversos autores, tais como Karl Mannheim, Antonio Gramsci e Pierre Bourdieu. Cada um, ao seu modo, guiado por suas perspectivas e abordagens sociológicas, procurou compreender o papel em que determinados indivíduos se destacam na sociedade, seja do ponto de

vista da produção do conhecimento ou do protagonismo político nas relações sociais em determinados grupos.

Existe uma longa e vasta tradição de discussão teórica em torno da expressão “intelectuais”. Não vou aqui me aprofundar, nem me estender neste debate. Quero apenas pontuar que essa expressão pode ser perfeitamente aplicada a José Calasans. E a acepção de intelectual aqui adotada é a seguinte: “[...] designa uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e competência, científica, técnica ou administrativa, superior à média, e que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2002, p. 637). Produção de conhecimento. É este o principal critério que uso para pontuar José Calasans como um intelectual, sobretudo um grande especialista em temas da história de Canudos, do sertão e da cultura brasileira.

## **1. O folclore da cachaça**

O folclore em torno da cachaça foi um tema muito apreciado por José Calasans. E ele foi um dos primeiros pesquisadores a dar visibilidade ao assunto, a perceber o potencial histórico que envolvia a prática cultural dos bebedores e apreciadores de cachaça. Chegou ao tema da cachaça passando pelas pesquisas sobre o folclore do açúcar em Sergipe.

Partindo de estudos realizados em Aracaju na década de 1940, e publicados em periódicos locais da capital sergipana, e ampliados com outras pesquisas na Bahia, José Calasans publicou, em 1951, o livro *Cachaça, moça branca*. O livro surgia como um rico repositório de termos e expressões populares sobre o uso da cachaça:

Além de utilizar expressões verbais recolhidas entre os “bebedores” de Aracaju e da Bahia, Calasans se cercou de uma riquíssima bibliografia sobre o assunto, citando trabalhos de folcloristas de diversas partes do país. O trabalho contém versos e quadrinhas de várias partes do Brasil, formando um quadro-síntese nacional do cancionário da cachaça. Percorreu todo o universo que circunda o “*folclore do aguardentismo*”, como o culto e o elogio da bebida, os ditados, o ritual dos bebedores, a relação da cachaça com a alimentação, o poder de operar milagres, etc. O final da obra traz

uma relação significativa, um glossário de A a Z, com marcas de aguardente encontradas em vários pontos do país, além de um rico vocabulário de termos utilizados no trabalho, usados na linguagem popular (NASCIMENTO, 2008, p. 90).

Para termos uma ideia, outros livros importantes que versam sobre essa temática foram publicados depois, como os de Luís da Câmara Cascudo e Mário Souto Maior, respectivamente *Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil* (1967) e *Cachaça: história, humor, medicina empírica, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil* (1971). Luís da Câmara Cascudo cita o livro pioneiro de José Calasans, ao se referir, de forma indireta, à variedade de denominações que a palavra cachaça recebe em diferentes lugares do Brasil (CASCUDO, 2006, p. 33).

*Cachaça, moça branca* é uma importante contribuição de José Calasans, por ser um livro pioneiro nos estudos acerca do folclore da cachaça. É uma obra que revela elementos significativos da cultura popular brasileira. Mas poderia, hoje, talvez, ser estudado, também, como uma obra no campo da *Sociologia da Cultura*, pensando nas práticas culturais e experiências de diversos grupos sociais, em diferentes cantos do Brasil, em torno do uso da cachaça, refletindo sobre a criação e circularidade dos mais variados termos existentes para designar a bebida.

Essa publicação, texto originalmente produzido para ser apresentado no I Congresso Brasileiro de Folclore, evento realizado no Rio de Janeiro, em 1951, projetou José Calasans nacionalmente entre os pesquisadores do folclore brasileiro, e consolidou sua atuação no Estado da Bahia, ao lado de outros estudiosos como Frederico Edelweiss, Antônio Vianna, Hildergardes Vianna e Mário Cabral. O livro abriu caminhos que foram seguidos por outros folcloristas, como Luís da Câmara Cascudo e Mário Souto Maior, dentre outros. É hoje considerado um clássico nesse tipo de literatura. Recente e merecidamente, o livro ganhou uma nova edição publicada em 2014, pela editora da Universidade Federal da Bahia, a EDUFBA, que, em seu site, reforçou a importância do livro:

Fruto de uma longa e sistemática pesquisa sobre a identidade nacional, *Cachaça, Moça Branca* enriquece o acervo de estudo sobre

o folclore ao trazer novos significantes acerca do etilismo presente nessa tradição, na qual se apresentam diversas manifestações simpáticas à cachaça. Além de se concretizar como uma obra clássica do folclore nacional e ser um modelo para as novas gerações de folcloristas, essa edição tem o propósito, sobretudo, de homenagear José Calasans pela sua maestria em coletar, organizar e construir um marco da bibliografia folclórica brasileira<sup>2</sup>.

## 2. Estudos do Brasil Colonial

A história da Santidade de Jaguaripe é outro tema em que José Calasans foi pioneiro, assunto que ele abordou no livro *A Santidade de Jaguaripe*, escrito em 1952. O livro foi originalmente redigido para ser apresentado no II Congresso de História da Bahia, realizado em Salvador, em 1952.

Nesse livro, Calasans narra os principais acontecimentos do episódio ocorrido no final do século XVI na Bahia (1580-1985), na região do Recôncavo, onde surgiu uma santidade religiosa ameríndia liderada por um índio tupinambá cristianizado, chamado de Antônio, nas terras pertencentes ao senhor de engenho Fernão Cabral de Ataíde. Em suas crenças, rituais e práticas religiosas, a santidade tinha uma posição anticristã e anticolonialista. A santidade foi destruída em 1585, por ordem do Governador Geral da Bahia, Manuel Teles Barreto.

José Calasans, ao publicar esse livro em 1952, contribuiu para divulgar essa história no meio acadêmico, abrindo e apontando o caminho para outros pesquisadores. Um desses pesquisadores foi Ronaldo Vainfas, que, em 1995, escreveu o livro *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. Este livro de Ronaldo Vainfas é a tese que escreveu e defendeu para o concurso de Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, do Departamento de História. É um estudo que segue temas de pesquisa desenvolvidos por ele, anteriormente, no Mestrado e Doutorado em História Social. Com uma farta documentação inédita pesquisada na Torre do Tombo, em Portugal, fruto de processos da Inquisição, Vainfas estudou a santidade, analisando-a dentro do contexto social, cultural e econômico do sistema colonial, percorrendo a natureza da seita e seus envolvidos,

suas práticas e rituais, além de analisar a devassa promovida pelo Tribunal do Santo Ofício contra a santidade. É um excelente trabalho de História do Brasil Colonial.

Nesse mesmo livro, Vainfas reconhece que Calasans foi um pesquisador precursor, ao escrever que ele foi “pioneiro no estudo da Santidade de Jaguaripe” (VAINFAS, 1995, p. 219).

Em outras palavras, escreveu a primeira história moderna desse movimento religioso de caráter insurgente, de resistência ao domínio português, fundamentados em rituais idolátricos, promovido pelos Tupinambás do Recôncavo Baiano por volta da década de 1580, que unia elementos da sua cultura com a religiosidade cristã, que abalou a ordem e administração colonial, sendo destruída em 1585 e seus líderes investigados e perseguidos pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, em 1591 (NASCIMENTO, 2008, p. 78).

A pesquisa sobre a Santidade de Jaguaripe levou, ainda mais, José Calasans a se interessar pelo estudo dos movimentos messiânicos, fato que o aproximou ainda mais do tema Canudos. O livro ganhou, merecidamente, uma nova edição em 2001, na Coleção Nordestina, publicada pela editora EDUNEB, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Era mais uma obra de Calasans que merecia ser reeditada.

**Figura 2 – Livros diversos**



Fonte: Montagem do autor.

### **3. Os estudos sobre a Guerra de Canudos e a vida de Antônio Conselheiro**

O ponto maior de destaque de sua bibliografia foi, sem sombra de dúvida, sua produção científica sobre a vida e a obra de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos. Foi o primeiro historiador a se dedicar, sistematicamente, ao tema da Guerra de Canudos no Brasil.

Começou suas pesquisas no final da década de 1940. Publicou seu primeiro trabalho em 1950, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, em que analisa Canudos e Antônio Conselheiro pelo viés do folclore e da oralidade, registrando ditos e cantos populares recolhidos por ele entre moradores de Sergipe e da Bahia. Este livro, bem como em outras publicações da década de 1950 e em parte da década de 1960, estava alicerçado no referencial euclidiano de *Os sertões*, onde é possível ver que Calasans ainda estava aprisionado pela repetição de noções como fanatismo religioso e da possível loucura de Antônio Conselheiro.

No fim da década de 1960 e meados dos anos de 1970, Calasans, por conta da larga documentação por ele coletada e de entrevistas realizadas com sobreviventes, distancia-se da influência das interpretações euclidianas, especialmente as que se referiam ao perfil psicológico dos jagunços e de Antônio Conselheiro. Nessa fase, promoverá uma renovação na historiografia de Canudos, trazendo novos temas e novas abordagens. São desse período os seguintes trabalhos: *Antônio Conselheiro e os "treze de maio"* (1968), *Os jagunços de Canudos* (1970), *Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios* (1973), *Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico* (1973). Na década de 1980, continua produzindo proficuamente, escrevendo artigos para o jornal *A Tarde* e artigos em revistas. Nesse período publica dois livros: *Canudos na literatura de cordel* (1984) e *Quase biografia de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro* (1986).



**Figura 3 – Livros sobre Canudos**



Montagem do autor.

Nesse conjunto de livros e artigos que escreveu, José Calasans abordou diversos temas, sempre trazendo informações inéditas e assuntos de destaque que elucidavam ainda mais a história da guerra, da vida e obra de Antônio Conselheiro e do cotidiano do arraial do Belo Monte. Foi pioneiro em diversos desses temas, chamando a atenção dos historiadores para questões por ele abordadas. Dentre esses temas, estudou: a obra social empreendida por Antônio Conselheiro pelo sertão baiano, construindo ou reformando capelas e igrejas, cemitérios e açudes; a procedência dos moradores do Belo Monte (de que cidades e regiões seus habitantes vieram), em que evidenciou que a maioria era formada por baianos, seguidos por pessoas de Sergipe, do Ceará e de Pernambuco; a composição étnica da população de Belo Monte, apontando a presença de ex-escravos e índios na comunidade; o compadrio como elemento importante de aglutinação de seguidores; criticou o argumento de que Canudos era uma comunidade igualitária (tese de Edmundo Moniz) e mostrou que era um povoado que tinha uma vida comercial ativa com outras cidades da região, que determinados moradores tinham certos privilégios sociais e econômicos (como Antônio da Mota, Joaquim Macambira, Norberto das Baixas, Antônio Vilanova e João Abade), que se compravam e vendiam casas com facilidade com objetivos econômicos, e que o direito à propriedade estava assegurado; escreveu perfis biográficos de pessoas que desempenhavam papéis de

destaque na comunidade do Belo Monte, como Manuel Quadrado (enfermeiro), Leão de Natuba (secretário de Antônio Conselheiro) e João Abade (“prefeito” da comunidade), dentre outros, dando visibilidade a esses personagens que a historiografia pouco considerava, pessoas que, nas palavras de Calasans, não deveriam ser esquecidas, mereciam um lugar na história.

Além dessa contribuição temática, com ineditismo em abordar diversos assuntos e apresentar uma variedade significativa de documentos, Calasans foi, sobretudo, pioneiro também na utilização de fontes para a pesquisa histórica de Canudos, como o uso e a valorização da fonte oral e da literatura de cordel. Boa parte de sua bibliografia foi alimentada pela memória dos sobreviventes do conflito, como Pedrão e Manuel Ciríaco, ou por contemporâneos, moradores da região, como Marcos Dantas de Menezes (Vila Rica, hoje Crisópolis) e Ubaldino Gonzaga (Entre Rios). Ele foi um dos pioneiros na utilização da oralidade como fonte para a pesquisa histórica no Brasil. Em entrevista para o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, sobre a inclinação para estudar Canudos também pelo viés da memória e oralidade dos sobreviventes, ele disse:

Confesso que a história contada pelos sertanejos era mais convincente, tinha outro sabor e era totalmente diversa... Logicamente respeito muito a obra de Euclides da Cunha, mas, acredito fielmente que paralelamente precisamos de outras alternativas... minha empreitada então passou a ser esta...” (BOM MEIHY, 1993, p. 25).

A literatura de cordel foi outra fonte que Calasans usou em suas pesquisas, desde a década de 1960. Seus estudos folclóricos da cultura popular nordestina levaram-no, evidentemente, a valorizar essa fonte. Foi um dos primeiros historiadores a trabalhar com esse tipo de fonte na pesquisa histórica sobre Canudos, o que daria como resultado desse legado o livro *Canudos na literatura de cordel* (1984).

Na década de 1990, em função das comemorações do centenário de fundação (1993) e destruição do arraial do Belo Monte (1997), a Secretaria da Cultura e

Turismo do Estado da Bahia e o Conselho Estadual de Cultura da Bahia publicaram um livro em forma de coletânea, com textos escritos por José Calasans, intitulada *Cartografia de Canudos* (1997), com 23 artigos que perpassam por todo o seu período produtivo de pesquisa, trabalhos publicados entre as décadas de 1950 e 1990. Este livro é um bom ponto de partida para quem se interessar em conhecer a história da Guerra de Canudos e a vida e obra de Antônio Conselheiro.

#### 4. O intelectual generoso

Vaidade intelectual é uma característica que não fazia parte de sua personalidade. Ouvi relatos de pesquisadores que conviveram com Calasans que atestam que ele reproduzia ou até mesmo entregava documentos inéditos para estudiosos de Canudos.

Compartilhava conhecimento, propiciava os meios para o acesso ao conhecimento. Uma atitude fundamentalmente generosa. Segundo o Novo Dicionário Aurélio, a palavra generosidade vem do latim *generositate*, significa qualidade ou ação generosa, aquele que gosta de dar (FERREIRA, 2009, p. 975). A generosidade é uma virtude, ela é algo espontâneo, uma atitude singela em que a pessoa não espera receber nada em troca: "O ato de generosidade favorece quem é por ele contemplado, não quem age de forma generosa. É por ser a generosidade a inteira dedicação a outrem que digo que ela traduz plenamente o altruísmo" (LA TAILLE, 2006, p. 62).

Não omitia documentos nem informações. Ao contrário, homem de espírito colaborador e humano, praticamente doou tudo o que conseguiu coletar, entre documentos e livros, em mais de cinco décadas de pesquisas, para bibliotecas de Aracaju e Salvador. Fundou em agosto de 1983, na UFBA, o *Núcleo Sertão*, incorporado ao Centro de Estudos Baianos, uma das suas principais realizações do ponto da generosidade acadêmica. Seu acervo abrange material sobre a Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, secas e movimentos sociais do Nordeste, religiosidade popular e tradições culturais nordestinas. Especificamente sobre Canudos, a biblioteca dispõe de manuscritos, matérias de jornais e revistas da

época da Guerra, milhares de livros, diversas edições de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, folhetos de cordel, etc.

Diferentemente de outros pesquisadores, eu não o conheci pessoalmente. Teria sido, com certeza, uma experiência riquíssima para a minha pesquisa. Quando ingressei no curso de História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em 1997, escolhi a Guerra de Canudos como objeto de pesquisa. Visitei, no ano de 2000, o Núcleo Sertão, com o objetivo de coletar material para a minha pesquisa monográfica. E queria também ter a oportunidade de conversar com José Calasans. Não sabia que ele estava muito doente e com certas limitações físicas, embora estivesse bem lúcido, consciente. Na oportunidade, conversei com Maria Zelinda Lopes, bibliotecária do Núcleo Sertão. Ela me informou que ele estava doente e que a família estava preservando-o. Sugeri que eu não fosse lá, pois, caso ele soubesse, acreditava ela, pelo tempo de convivência com o Mestre Calasans, que ele me receberia. Eu não fui. No ano seguinte ele partiu (28 de maio de 2001), deixando uma obra vasta e uma grande quantidade de admiradores.

E essa admiração e reconhecimento pela sua obra levaram-me, sobretudo, a pesquisar a sua contribuição para os estudos da Guerra de Canudos, pesquisa que empreendi no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, entre os anos de 2002 e 2004, e que se transformou no livro *José Calasans e Canudos: a história reconstruída* (NASCIMENTO, 2008). Livro, felizmente, bem aceito pelos estudiosos de Canudos: "A contribuição dada por José Calasans aos estudos sobre Canudos precisava ser devidamente avaliada num ensaio específico. E já o foi em obra subscrita por Jairo Carvalho Nascimento (...)" (FONTES, p. 241). Foi minha modesta contribuição!

Não tive a honra de conhecê-lo pessoalmente, para conversar, tirar dúvidas, entrevistá-lo. Conheci o Calasans professor, o pesquisador, o ser humano com espírito desprendido pelas páginas de seus artigos e livros, pelas linhas de seus discursos e conferências proferidas. E, nesse conjunto de obras, que perpassam e tocam em diversos campos do conhecimento, como Folclore, História Política, Biografias, História Econômica, História Social, percebi que ele deixou sua marca

registrada em vários estudos pioneiros, brevemente apresentados aqui neste artigo. Talvez tenhamos mais coisas a descobrir.

## Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI; Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 12. ed. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002, Vol. 1.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. "Meu empenho foi ser o tradutor do universo sertanejo" (Entrevista com José Calazans). **Luso-Brazilian Review**, v. XXX, n. 2, p. 23-33, 1993.

CALASANS, José. **O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro**: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Beneditina, 1950.

\_\_\_\_\_. **Cachaça, moça branca**: *um estudo de folclore*. Salvador: Artes Gráficas, 1951.

\_\_\_\_\_. **A Santidade de Jaguaribe**. Salvador: Artes Gráficas, 1952.

\_\_\_\_\_. Antônio Conselheiro e os "treze de maio". **Cadernos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano X, n. 47, p. 91-95, maio/jun. 1968.

\_\_\_\_\_. Os jagunços de Canudos. **Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésiliens**, Toulouse, n. 15, p. 31-38, 1970.

\_\_\_\_\_. Antônio Conselheiro, Construtor de Igrejas e Cemitérios. **Revista Brasileira de Cultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 16, p. 69-81, abr./jun. 1973.

\_\_\_\_\_. Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. **Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, Bahia, 2 a 8 de setembro de 1973. p. 461-477.

\_\_\_\_\_. **Canudos na literatura de cordel**. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. **Quase biografia de jagunços**: o séquito de Antônio Conselheiro. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cartografia de Canudos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/Conselho Estadual de Cultura/EGBa, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da cachaça**: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil. 2 ed. São Paulo: Global, 2006. [Publicado originalmente em 1967].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FONTES, Oleone Coelho. **Euclides da Cunha e a Bahia (ensaio biobibliográfico)**. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2009.

LA TAILLE, Yves. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **José Calasans e Canudos**: a história reconstruída. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUTO MAIOR, Mário. **Cachaça**: história, humor, medicina empírica, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VILLA, Marco Antônio. **Calasans, um depoimento para a história**. Salvador: Gráfica da UNEB, 1998.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/2015). Professor Adjunto do curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI) e do PPGELS (UNEB/Campus VI). Brasil. E-mail: jcnascimento@uneb.br.

<sup>2</sup> Fonte: <<http://www.edufba.ufba.br/2014/10/edufba-convida-para-lancamento-do-livro-cachaca-moca-branca/>>. Acesso em: 20 maio 2021.



<https://orcid.org/0000-0001-8410-0233>



<http://lattes.cnpq.br/0010740473943493>

Como citar:

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do Nascimento. O intelectual José Calasans: considerações sobre o seu pioneirismo na pesquisa no Brasil. *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, Caetité, BA, v. 1, n. 7, p. 33-46, jan./jun. 2021.